



JAIME RAZURI/AFP - 19/1/05

Considerações sobre as REVISTAS LITERÁRIAS

Mergulhadas na guetização, publicações voltadas para a literatura vêm perdendo o vínculo com o leitor

MÁRCIO-ANDRÉ

e a realidade se realiza nos elementos que a constituem, devemos considerar as revistas de literatura, para além de um complemento, como parte fundadora da realidade literária contemporânea, tão importante quanto as editoras, os movimentos estéticos, os cadernos culturais e as políticas pedagógicas globais. Entretanto, frente a certas carências, educacionais sobretudo, as revistas, todas articuladas de forma independente, são obrigadas a desempenhar papel também na formação do público leitor em uma realidade em que a literatura se tornou, já de antemão, algo irreel.

O problema é que, se por um lado estamos na vanguarda de propostas estéticas – e o papel das revistas é servir-lhes de “manifesto” –, por outro elas padecem no duplo papel de ensinar sobre tais estéticas. A ironia é que, nessa duplicidade, não conseguem ser nem uma coisa nem outra. Ficam, assim, tentando encontrar um caminho, por vezes ineficaz, até o leitor.

Ainda que pouco visíveis, a variedade é grande. Revistas como *Sibila*, *Confraria*, *Coyote*, *Inimigo Rumor*, *Polichinello*, *Babel*, *Agulha*, *Germina* e *Zunái*, entre outras, dividem espaço na rede e nas livrarias com posturas e tendências particulares. Mas a despeito da diversidade, elas poderiam ser reduzidas a duas grandes famílias de características que se anulam. A primeira é aquela de revistas com propostas mais didáticas, cujo empenho está em servir como vitrine às diversas posturas literárias atuantes. Mais democratizantes, tornam-se pouco eficazes por não conseguirem chegar ao grande público, sobretudo devido à falta de fomento e de estrutura profissional, resistindo enquanto revistas “especializadas”.

A segunda é a das revistas que se assumem (mesmo que veladamente) como representantes de um grupo e com isso criam uma rede de relações e influências que se autofomenta, lançando mão dessa estratégia em prol da perpetuação de seus projetos e do consequente fechamento do canal (e aqui lembro o

TORNA-SE NECESSÁRIA UMA POSTURA QUE FUJA ÀS SEGREGAÇÕES E REINSIRA O LEITOR NO ESPAÇO CÊNICO DA LITERATURA

depoimento de um editor que afirmou, em entrevista, não conhecer nenhum periódico contemporâneo ao seu que merecesse ser citado, além daquele produzido por remanescentes de sua própria publicação).

INCOERÊNCIA

Autocentradas como as revistas de vanguarda do século 20, perdem-se na incoerência de não ter como base, entretanto, um projeto estético sólido que as justifique (como tinha, por exemplo, a *Revista Noigandres* na década de 1950), deixando de representar um movimento para congregarem uma “panela”. O resultado nos dois casos é o mesmo: não há efetiva troca com o leitor. Tudo o que se vincula ali se perde na especialização.

Não de hoje, a literatura vem sofrendo do mal da guetização. Em parte pela inadequação de alguns de seus pressupostos clássicos ao advento da cultura de massa, onde, enquanto “forma inadequada”, se sujeita a ser produto consumido por uma “tribo”. E em parte por conta dos próprios escritores que se deixam cair nos discursos mais rasos de qualquer que seja a defesa assumida. No momento em que várias *éthos* temporais se encontram, é natural que nenhum deles se cumpra por inteiro. As revistas, por sua vez, nessa indecisão ética, manifestam vício comum: focar a atenção nos produtores, nunca nos consumidores (e,

aqui, consumidor e produtor em nada se relacionam com a lógica do capital). Ora, não há literatura sem leitores, e cada autor, teoricamente, deveria também ser um. Mas isso vem sendo ignorado insistentemente e as revistas, como um todo, escondem por trás da virtude do afastamento e do discurso do preciosismo a postura conservadora e elitista, produzindo edições com escritores mais interessantes que interessantes. Na verdade, o que há é falta de pesquisa e de atenção às edições irmãs. Não encontramos sequer uma listagem das revistas existentes, nem mesmo no Wikipédia. Não há um órgão regulamentador, qualquer que seja, tamanho o desinteresse em congragar.

INSERÇÃO

Claro que não se defende aqui a planificação esterilizante ou o regimento sem sentido, mas uma postura que fuja às segregações e reinsira o leitor no espaço cênico da literatura. É para isso que a revista deveria servir: em vez de reproduzir os males do ambiente literário contemporâneo, criar alternativas viáveis. Quando propostas individuais vazias se transformam em paróquias, é preciso apelar a uma coletividade sólida. Por mais enriquecedora que seja a variedade de discursos, talvez seja a hora de as revistas se unirem em prol de uma publicação, paralela a todas elas, de grande tiragem, a fim de movimentar um público (*leitor*, não consumidor de livro) e a maior circulação do que se tem produzido.

Um periódico neutro, que, unindo as pontas das duas categorias citadas acima, pudesse acompanhar com responsabilidade – ainda que pelo viés do jornalismo não meramente informativo – tudo o que se tem produzido. Talvez assim, visando a uma literatura para o futuro e para os leitores, o terreno se fertilize e surjam novas propostas estéticas prontas a fundar revistas individualmente fortes. Mas será que os editores estão interessados?

Márcio-André é poeta e ensaísta

ENSAIO



MEEIROS DE CAFÉ – GENTE E OCUPAÇÃO DA ZONA PROIBIDA DO CAPARAÓ

De Vivaldo Barbosa
Editora Revan, 474 páginas, R\$ 54

Viver a vida do outro – e, com isso, se acrescentar de humanidade. Esse é o desafio a que se propõe o autor, com trabalho de historiador

voltado para a defesa da justiça social, define Joel Rufino dos Santos. Em duas partes e 14 capítulos, a pesquisa reconta a trajetória dos habitantes da região mineira e capixaba da Serra do Caparaó, cuja ocupação era proibida pela corte portuguesa, mas que, no século 19, tornou-se alvo de brasileiros, vindos das áreas onde a mineração se esgotara, e de imigrantes suíços, espanhóis e japoneses em busca de nova riqueza: o café. Entre pináculos, montes e elevados, uma grandiosa aventura da raça humana ocorreu naquele sertão, narra o autor. Graduado em direito pela UERJ, Vivaldo Barbosa é mestre e doutor pela Universidade de Harvard.

COMPORTAMENTO



CULTURAS JUVENIS: MÚLTIPLOS OLHARES

De Afrânio Mendes Catani e Renato de Sousa Porto Gilioli

Editora Unesp, 116 páginas, R\$ 15

Autores analisam a fase da vida que adquire caráter cada vez mais autônomo, deixando de ser apenas momento de transição. Entre os temas

abordados estão acesso à educação, ingresso no mercado de trabalho, violência, formação familiar e bens de consumo. A partir deles, observa-se como os jovens influenciam os rumos da sociedade. Para além dos estereótipos, os autores analisam a juventude a partir de diferentes pontos de vista, e não como mera categoria natural e biológica. Afrânio Mendes Catani, professor da Faculdade de Educação da USP, é mestre e doutor em sociologia. Renato Gilioli, graduado em história, é mestre em educação pela USP.

HISTÓRIA



ABOLICIONISTAS BRASILEIROS E INGLESES: A COLIGAÇÃO ENTRE JOAQUIM NABUCO E A BRITISH AND FOREIGN ANTI-SLAVERY SOCIETY (1880-1902)

De Antônio Penalves Rocha
Unesp, 448 páginas, R\$ 65

Este livro levanta polêmica que promete: a imagem difundida de Joaquim Nabuco pela historiografia e pelas ciências sociais brasileiras não corresponde, exatamente, à realidade. De acordo com Penalves, nem o pernambucano foi padroeiro da modernidade nacional, nem era líder do movimento abolicionista brasileiro e nem estava nos planos dele condenar a opressão a que o escravo estava submetido. Na verdade, para Nabuco, a abolição se resumia ao princípio de que o alicerce da nação deveria ser refeito (com a substituição da escravidão pela liberdade individual) para que o império fosse preservado. Depois de consultar fontes primárias inéditas, arquivos ingleses, biografias do intelectual, cartas escritas por ele a amigos britânicos e as relações dele com a entidade antiescravista BFSS, o professor do Departamento de História da USP concluiu que a ideia que o Brasil faz de Nabuco como pioneiro líder abolicionista é fruto da construção dessa imagem por parte do próprio intelectual, de sua filha Carolina (autora da biografia do pai) e de historiadores que vêm reproduzindo esse imaginário, inspirados na leitura de fontes secundárias.

ROMANCE



O JARDIM DE CIMENTO

De Ian McEwan
Companhia de Bolso, 129 páginas, R\$ 19

“Não matei meu pai, mas às vezes tinha a impressão de que o havia ajudado a ir desta para a melhor. E, não fosse por ter coincido com um evento marcante em minha evolução física, sua morte pareceu

insignificante quando comparada ao que veio depois”. Assim começa o romance escrito por McEwan, livro que marcou a estreia do autor no gênero. Considerado um dos destaques da literatura inglesa, ele conta a história de quatro crianças encerradas dentro de casa depois da morte dos pais, protagonistas de experiências bizarras. Os garotos passam a assumir o papel dos adultos falecidos até que um estranho, levado pela primogênita, rompe aquele jogo de emoções. Linguagem seca e narrativa de apelo visual marcam a obra, que chega às prateleiras por meio da Companhia de Bolso – selo a preços populares da Editora Companhia das Letras.